



## **Reflexões sobre o blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo e a comunicação para a cidadania <sup>1</sup>**

Cláudia Regina Lahni <sup>2</sup>  
Solléria Rezende Menegati <sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

O Movimento Anarcopunk de São Paulo (MAP-SP) existe há mais de 20 anos e atua como uma associação que procura articular as lutas de grupos e indivíduos anarcopunks em São Paulo (tais como lutas antifascistas e a favor da autogestão). O presente trabalho reflete sobre como a comunicação contribui para a construção do MAP-SP enquanto movimento social. O foco é a comunicação feita pela internet com o blog da associação. Em um primeiro momento, apresentamos a organização da associação e suas práticas comunicativas. Após análise, avaliamos que não há uma política de comunicação por parte do MAP-SP e que, portanto, a comunicação parece não ser pensada estrategicamente pelo grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação comunitária; Movimento Anarcopunk de São Paulo; cidadania.

O movimento punk surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos e ganhou repercussão no mundo pela banda Sex Pistols, da Inglaterra. No Brasil, as primeiras informações sobre o punk aparecem em 1977 por meio de reportagens e artigos em revistas de música. São Paulo foi a primeira cidade a conviver com punks brasileiros, que, inspirados no lema "Do It Yourself" (faça você mesmo) propagado pelo movimento, formaram bandas, passaram a escrever seus próprios fanzines e difundir o punk pelo Brasil.

Mas é somente na década de 1980 que se pode falar do surgimento de anarcopunks, aqui entendidos como uma microcultura dentro do movimento punk. Desde sua origem o punk se aproxima dos ideais anarquistas, por sua organização - sem hierarquias, lideranças, cargos e filiações; também pela tentativa de deselitização e democratização da produção cultural. Podemos citar ainda a contestação à sociedade e o desejo de liberdade, um mundo em que cada indivíduo possa falar por si próprio. Em São Paulo, os/as punks se aproximaram efetivamente de anarquistas frequentando o Centro de Cultura Social<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania - do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Cláudia Regina Lahni é coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania da Intercom; docente de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora; e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Comunicação e Feminismo (UFJF-CNPq).

<sup>3</sup> Solléria Rezende Menegati é bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>4</sup> O Centro de Cultura Social de São Paulo foi fundado em 14 de janeiro de 1933 como remanescente das entidades culturais criadas pelo movimento anarcossindicalista e libertário nas primeiras décadas do século XX. Tem como



Há indivíduos anarcopunks que não compõem o MAP-SP (Movimento Anarcopunk de São Paulo) - fazem parte da cena anarcopunk em São Paulo, mas não fazem parte do MAP-SP enquanto associação. A escolha do MAP-SP para a realização dessa pesquisa se dá pela tradição do movimento em São Paulo, que existe há cerca de vinte anos. A partir dele, outros coletivos se formaram. Escolhemos o blog da associação como objeto de análise para refletir sobre como a comunicação contribui para a formação da associação enquanto movimento social<sup>5</sup>.

### **Comunicação alternativa, identidade e cidadania**

As relações sociais e a construção do ser social são mediadas pela comunicação. Como reflete Stuart Hall (2006), eu sou eu porque eu não sou o outro. E eu construo a minha identidade a partir do relacionamento com outros indivíduos, relacionamento este apenas possível pela linguagem e a comunicação. Hall explica que o indivíduo não nasce com uma identidade sólida e constituída, na verdade nós construímos a identidade a partir das experiências vividas e pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. E essa relação se dá pela comunicação, seja ela interpessoal ou mediada pela mídia. Do mesmo modo que construímos nossa identidade cotidianamente, os movimentos sociais também constroem suas identidades por meio da comunicação e da relação com outros movimentos.

Segundo Eduardo Vizer (2007: p.46), os movimentos sociais surgiram nos fins do século XIX, como manifestação de setores urbanos que cobravam condições de vida mais igualitárias. Trata-se, portanto, de uma forma de ação social que pretende transformar as condições objetivas de seu ambiente. Como características fundamentais desenvolvem práticas de ação com o fim de transformar as relações de poder instituídas por meio da mobilização e apropriando-se de tempos e espaços públicos, motivados para cultivar vínculos de agrupamento e inspirados criativamente - através da cultura, arte e comunicação. Inferimos, portanto, que a comunicação além de importante no processo de construção de identidades, também atua na modificação das relações sociais e no acesso à cidadania.

De acordo com Maria de Lourdes Manzini Covre (1995: p.10), ser cidadão significa ter direitos e deveres. Direitos civis, sociais e políticos. Como deveres, há o zelo pela

---

principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos (<http://www.ccssp.org/ccs/>).

<sup>5</sup> Este trabalho tem como base a monografia de conclusão de curso de Solléria Menegati (2011), intitulada “A Comunicação do Movimento Anarcopunk de São Paulo: Análise do blog da associação”, que teve a orientação da professora Cláudia Lahni.



coletividade, participando direta ou indiretamente das tomadas de decisão pública. "Só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão. Neste sentido, a prática da cidadania pode ser a estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor".

Para se exercer a cidadania, o acesso à informação é essencial, pois tem a capacidade de gerar no indivíduo a dúvida, permitindo a ele o questionamento e possibilitando sua escolha diante dos fatos ao redor. Como teorizam Lígia Dumont e Marina Cajaíba da Silva (2005: p.6), "partindo-se do princípio de que cidadão é aquele que age em seu meio social, pode-se afirmar que aquele que tem acesso à informação tem maior possibilidade de transformar o cotidiano social e interagir com o meio".

O Movimento Anarcopunk de São Paulo tem sua própria comunicação, feita através dos fanzines, informativos, do blog que é o objeto de análise deste trabalho, mas também de suas manifestações e visual. Uma vez ativos na produção de conteúdos, conquistam o direito à palavra e interferem na realidade social.

Covre (1995: p.49), ao escrever sobre cidadania, refletiu a relação desta com a técnica: a tecnologia domina, mas também liberta. Segundo ela, hoje os trabalhadores têm mais conhecimentos, pois a evolução intensiva da tecnologia exige uma maior especialização do trabalhador, uma vez que a produção torna-se complexa. Tendo o trabalhador consciência de seu conhecimento, pode negociar: "a cidadania tem sua força no grande espaço criado para reivindicações; cabe aos trabalhadores se apropriar dele". Dentro desse contexto, a internet se abre como um espaço de reivindicações.

Dênis de Moraes (2002: p.8) aponta a web como descentralizadora do processo de comunicação, pois permite aos usuários tornarem-se atores comunicantes e possibilita a diversificação dos polos de enunciação, produzindo "uma redistribuição de dados menos condicionados pelo peso histórico da imprensa e das indústrias culturais". Aprofundam-se na internet as experiências de defesa da cidadania e dos direitos humanos, de promoção de valores éticos e de revalorização da sociedade civil.

Dumont e Silva (2005: p.9) também defendem a utilização da internet como ferramenta de pressão social, pois permite a liberdade de expressão, já que as pessoas podem emitir opiniões livres de qualquer censura e localização geográfica por meio de chats, newsgroups, reclamações, denúncias, listas de abaixo-assinados e adesão online a grupos políticos-ideológicos. É a partir dessas iniciativas que muitas políticas públicas podem ser aceitas ou rechaçadas, da mesma maneira que podem ocasionar grupos de



pressão mobilizando uma rede muito mais ampla que a já estabelecida localmente, para juntos exigirem ações benéficas para seu meio social.

A internet oferece ao ativismo social novas ferramentas de intervenção, como as campanhas virtuais, o correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, salas de conversação, boletins, manifestos online, murais, anéis de sites e árvores de links. É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos.

Como bem explicado por Moraes, o uso da internet não dispensa outros veículos tradicionais de comunicação, como os jornais e boletins impressos. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), por exemplo, faz ótimo uso da web através de seu site [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br). O site reúne num único espaço notícias sobre a organização, artigos referentes ao movimento, vídeos, fotos, uma biblioteca com obras relacionadas à temática da questão agrária, assim como a história do MST. Pelo site também é possível entrar em contato com o movimento e ter acesso ao jornal impresso da entidade. Apesar desse canal amplo de comunicação, o MST ainda imprime mensalmente milhares de exemplares de seu jornal "Sem Terra", que é distribuído nos acampamentos e ocupações do movimento, nos meios sindicais, políticos e estudantis.

Atualmente, apesar do maior acesso à internet, a desigualdade social no mundo digital ainda é grande. Segundo o Ibope, o Brasil tem 78 milhões de internautas, e o principal acesso é de lan houses (31%), seguido da própria casa (27%) e da casa de parentes e de amigos, com 25%. Nosso país é o 5º com o maior número de conexões à internet. Entre os 10% mais pobres, apenas 0,6% tem acesso à internet; entre os 10% mais ricos esse número é de 56,3%. Somente 13,3% dos negros usam a internet, mais de duas vezes menos que os de raça branca (28,3%). Os índices de acesso à internet das Regiões Sul (25,6%) e Sudeste (26,6%) são bem maiores que nas demais.<sup>6</sup>

Mesmo com esses índices, a internet tende a se firmar "como um dos principais meios para a construção de uma cultura de solidariedade social, baseada em uma ética de reciprocidades entre os sujeitos comunicantes" (Moraes, 2002: p.20). Entendemos que a ação virtual não dispensa ações no território físico, reconhecido e vivenciado.

A partir das reflexões acerca do papel da comunicação para o alcance da cidadania, construção de identidades e relações sociais e o despontar da internet como meio

---

<sup>6</sup> Dados contidos no site: [http://tobeguarany.com/internet\\_no\\_brasil.php](http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php)



potencialmente democrático, analisamos o blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo. Primeiro, a seguir, contextualizamos seu surgimento.

### **Movimento punk e anarquismo**

O anarquismo sempre foi um conceito pouco compreendido, a confusão talvez se dê pela variedade de formas de abordagem e ação dentro deste. Woodcock (2002: p.8) em "História das ideias e movimentos anarquistas" enfatiza:

não raro o anarquismo é erroneamente equiparado ao niilismo e ao terrorismo e a maioria dos dicionários apresenta pelo menos duas definições de anarquista. A primeira o descreve como um homem que acredita ser preciso que o governo morra para que a liberdade possa viver. A outra vê nele um mero promotor da desordem, que não oferece nada para colocar no lugar da ordem que destruiu.

Mas o anarquismo nunca pretendeu estabelecer o caos. Etimologicamente, a palavra grega original, Anarchos, significa "sem governo", tanto na condição negativa de ausência de governo quanto da positiva. É com o colapso do feudalismo e o aparecimento do nacionalismo e do Estado centralizado moderno que, em consequência, são desenvolvidas correntes libertárias que amadureceriam no século XIX. Compartilhamos da visão de Woodcock (2002: p.11 e 12) que trata o anarquismo "como um sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e [...] a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres".

No Brasil, o anarquismo enquanto ideologia surge com a vinda de imigrantes europeus que compartilhavam ideias anarcossindicalistas. Essa corrente surge da penetração de ideias anarquistas em meio operário e nega a importância da luta política partidária, a luta parlamentar, defendendo a exclusividade dos sindicatos na luta pela emancipação da sociedade. Também enfatiza o papel do sindicato como núcleo básico da sociedade anarquista. Podemos caracterizar o anarcossindicalismo no Brasil como um movimento do período que vai da Proclamação da República e as primeiras imigrações pós escravidão até o Governo Vargas, quando a institucionalização e burocratização das associações de trabalhadores anularam seu caráter anarquista.

As ideias disseminadas pelos trabalhadores anarquistas criaram uma cultura anarquista no Brasil. Em 1933, cerca de vinte anarquistas de São Paulo fundaram o Centro de Cultura Social, cujas atividades foram interrompidas nas ditaduras. O CCS, reaberto em 1985, ainda promove debates, conferências, exposição de materiais, teatro, etc na cidade de São Paulo. E o anarquismo segue ganhando adeptos ainda hoje.



Depois da Segunda Guerra Mundial, as associações de trabalhadores se viram enfraquecidas, tanto em consequência da própria guerra como da instauração de governos autoritários em diversos países. Somando a isso uma nova conjuntura política e social propiciada pelos meios de comunicação, o anarquismo deixa de atuar principal e unicamente na esfera do trabalhador e ganha uma atuação mais cultural, preocupada com o meio ambiente, antenado às novas comunidades e identidades. Em 1968 acontece uma greve geral na França de repercussão mundial e ali já se vê um movimento artístico, musical muito forte. O anarcopunk, que seria a junção de ideias punks com anarquistas, surge desse contexto e inaugura uma nova corrente anarquista.

O movimento punk explodiu na Inglaterra na década de 1970, encampado em sua maioria por jovens desempregados que sofriam na pele as consequências da crise econômica da época. Mas sua origem se dá já em 1965 nos Estados Unidos, na fase considerada por alguns autores como pré-punk ou estágio glacial<sup>7</sup>.

Havia toda uma conjuntura que possibilitaria o surgimento do punk. A juventude, depois da Segunda Guerra Mundial, se apropria de novos canais para suas manifestações (a era do boom tecnológico que popularizou os meios de comunicação social), passa a ser vista como uma categoria social e se destaca na sociedade. Por outro lado, o progresso ininterrupto da técnica burocratiza a produção das artes e torna tudo comerciável. A reflexão que se tem é que a lei é consumir. E os meios de comunicação propiciam o marketing e a propaganda necessários para efetivar esse consumo.

"A sociedade do espetáculo", obra do filósofo francês Guy Debord (1967), juntamente à *Internacional Situacionista*, da qual Debord fazia parte, influenciaram as revoltas operárias e estudantis que tiveram ápice em Maio de 1968. E pode-se dizer, assim, que influenciaram o movimento punk, também crítico da dominação do Estado e da mercantilização de tudo. Outros dois movimentos filosóficos e contraculturais influenciaram o movimento punk: o existencialismo e o minimalismo. O punk incorpora isso em suas músicas, no visual e nos fanzines. Esses movimentos tiveram ápice em 68.

Um grande difusor da estética punk no mundo foi o empresário Malcolm McLaren, que "criou" a banda Sex Pistols<sup>8</sup>. Os Sex Pistols influenciaram várias bandas punks pelo mundo e difundiram a ideia de anarquismo também, embora apenas suas letras tivessem

---

<sup>7</sup> Em 1965, no estado da Califórnia - Estados Unidos - surge a banda Velvet Underground, apadrinhada pelo artista plástico Andy Warhol. O estilo musical da banda foi batizado de "punk" pelo jornalista Legs McNeil, ex-editor das revistas "Punk", "Never" e "Spin". O Velvet foi a primeira banda a ser classificada de punk. Nesse mesmo ano foi formada na cidade de Detroit, a banda MC5. A partir do Velvet, surgiram Ramones e outras (BASTOS, 2005).

<sup>8</sup> Os Sex Pistols já existiam, mas com outro nome: The Strand. McLaren sugere a entrada de novos membros e o estilo musical e estético da banda: punk.



conteúdo libertário. Outras bandas surgem e começam a fazer shows formando uma cena punk inglesa. Também surgem bandas *antimainstream*, com uma posição mais política que origina o movimento anarcopunk no mundo, dentre elas a CRASS.

No Brasil, o punk chega já com o estigma de movimento juvenil ultrapassado, morto, mas com "caráter de movimento urbano, ou melhor, suburbano, negando completamente o que a imprensa acusa: mais um modismo importado" (SOUZA; PEDROSO, 1983: p.6). Destacamos duas figuras como difusoras do punk no Brasil, Antônio Carlos Senefonte, mais conhecido como Kid Vinil, e Fábio Sampaio, integrante da Banda Olho Seco, dono da loja Punk Rock Discos (BOTINADA, 2006). Vale ressaltar que no início da década de 1980, várias bandas surgiram revivendo o punk, e foram essas bandas que o disseminaram como um movimento de contestação política, com uma comunicação própria (através dos fanzines), realizando shows e ocupações urbanas. Como reflete Silvio Essinger (1997), deve-se a essa geração, da década de 1980 no mundo, a noção de *movimento* punk.

O punk não é um movimento violento, usa a violência como forma de protesto. O sistema, para os/as punks, era tudo aquilo que produz sofrimento, com suas mentiras e enganar. Mas a história do punk no Brasil é marcada por episódios de violência física e brigas de gangues. Apesar de haver troca de fanzines, informações chegavam distorcidas. Havia um caos ideológico dentro do movimento, a única coisa que era unânime era o desejo de destruir o sistema (Caiafa, 1985). As gangues punks eram formadas por delimitações territoriais. Havia Os Rebeldes de São Caetano, Punkids da Zona Leste, Minas SP (formada só por mulheres), entre outras.

Apenas em 1980 as gangues dentro da cidade de São Paulo começam a conviver pacificamente, mas não cessam as brigas com o ABC paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano). Os/as punks do ABC preservam uma posição niilista para o punk e se julgam punks verdadeiros, pela tradição sindicalista e condição dessas cidades como periferia de São Paulo. Acusam os punks de São Paulo de serem "playboys": no documentário Botinada é citada a rivalidade entre as duas localidades, só pelo fato de punks do ABC usarem trem e os de São Paulo usarem metrô, estes últimos eram acusados de terem mais poder aquisitivo e por isso não ser verdadeiramente punk.

Por outro lado, os/as punks de São Paulo, da City (denominação pejorativa conferida pelos punks do ABC), se aproximam de ideais anarquistas frequentando o Centro de Cultura Social, e a assimilação da ideologia anarquista imprime às suas manifestações um caráter mais político. A mudança ocorre gradativamente, sempre discutida entre os





punks através dos fanzines (Sousa, 2002). Os fanzines, com sua linguagem informal, são de fácil apreensão por qualquer público; dentro do movimento punk eles adquirem status de formadores de opinião e contribuem para a discussão de temas e a ressignificação de determinadas atitudes e símbolos. A proximidade do punk com os ideais anarquistas faz surgir o movimento anarcopunk no Brasil.

### **MAP-SP e sua comunicação**

O Movimento Anarcopunk em São Paulo surgiu da aproximação dos punks com o Centro de Cultura Social (CCS). De acordo com Valdir da Silva Oliveira (2007), a aproximação dos punks de São Paulo com os anarquistas se deve à atuação de punks que participavam do CCS; há destaque também ao próprio projeto do Centro de Cultura que pretendia aglutinar e atrair os jovens para o ideal anarquista. O posicionamento comum contra o capitalismo e o Estado permitiu a aproximação e o convívio dos punks jovens com os velhos anarquistas e propiciou uma troca de experiências.

Mas a convivência entre eles durou pouco. O visual e atitudes dos punks chocavam os velhos anarquistas, que não entendiam a proposta da estética punk. O resultado foi o afastamento do CCS. Paralelamente, alguns/as punks mantinham relações com a Confederação Operária Brasileira (COB). A COB, na década de 1980, tentava reestruturar suas bases de luta sindical e operária em São Paulo, e tecia críticas à postura do CCS de atrair novos adeptos ao anarquismo. O afastamento dos/as punks com as duas entidades teve início numa assembléia, em 1986, entre punks, estudantes e representantes da COB e do CCS. Muitos punks não estudavam ou trabalhavam e não se sentiam representados pelas instituições, de caráter operário.

O MAP-SP (Movimento Anarcopunk de São Paulo) surgiu (oficialmente) em primeiro de Maio de 1990, numa reunião onde os presentes decidiram que a partir daquele dia estariam organizados em unidade, desenvolvendo trabalhos anarcopunks numa espécie de associação. O termo "anarcopunk" veio do intuito de se diferenciar em relação a outros grupos punks que existiam com "posições nada libertárias"<sup>9</sup>.

Desde seu surgimento, o MAP-SP foi marcado por contradições. Lendo alguns boletins informativos da década de 1990, percebemos já em 1994 a dissolução do MAP-SP enquanto associação (ICONOCLASTA, Dez.1994 - n°1). Somente nos anos 2000 surge a proposta de reestruturar o MAP-SP como uma associação, que organiza e aglutina as diversas iniciativas de indivíduos e grupos anarcopunks em São Paulo.

---

<sup>9</sup> Informativo do MAP - Movimento Anarcopunk de São Paulo - Ano I, n°1. Junho de 2003.





Marina Knup (integrante do MAP-SP) menciona que ela e amigos criaram o Coletivo Resistência Libertária, faziam fanzines, organizavam manifestações e eventos em conjunto com outros grupos como o Germinal e a ORGAP (Organização Anarcopunk). Nessa época também ocorreram encontros regionais de anarcopunks em São Paulo. Apesar do MAP-SP ter se dissolvido em meados dos anos 90, a movimentação anarcopunk não se findou. Havia muitos coletivos e indivíduos ativos em São Paulo. Os encontros regionais ainda acontecem de seis em seis meses, e aglutinam os/as anarcopunks para discutir temas pertinentes à época, como a questão do antifascismo, a inserção de anarcopunks nos movimentos sociais etc. No encontro regional de 2002, foi colocada a proposta de reativação do MAP.

O MAP-SP atual, enquanto associação, é filiado à IAP (Internacional Anarcopunk), uma federação anarcopunk de nível internacional, que realiza encontros periódicos desde 1998 - cada vez em um país diferente. Nem todos os coletivos e indivíduos anarcopunks de São Paulo são adeptos do MAP-SP. Os grupos que o compõe são anarcopunks, entretanto existe também a participação direta de grupos ligados ao hip hop e outros grupos libertários. Dos grupos que fazem parte da Associação podemos citar: o Coletivo Popyatã, Comuna Goulai Polé, Núcleo de atividades O Regicídio Está Por Vir, Coletivo Afro-punk Ovelha Negra, Imprensa Marginal, Distro Resistência di Favela e as bandas Revolta Popular, Ruído Subversivo, Regicidas, entre outras.

Quanto às atividades do MAP-SP, há atuação conjunta a outros grupos do movimento social. Essa prática foi influenciada pela atuação do grupo Anarquistas Contra o Racismo (ACR) que existia na década de 90, composto por anarcopunks, mas não exclusivamente (Knup, 2011). A proposta principal do grupo era discutir a questão do antifascismo e combate ao racismo ampliando a atuação ao contexto dos movimentos sociais. A partir daí, os anarcopunks passaram a atuar junto de movimentos sociais como o Movimento Negro, LGBT, Movimento Feminista, MST.

O MAP-SP transmite suas idéias por meio de fanzines, boletins informativos, pelo visual, som, intervenções urbanas (grafite, por exemplo), performances teatrais e também pela internet, mantendo contatos por emails, com o blog (hospedado no portal [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org)).

O boletim atual do MAP-SP tem a proposta de ser publicado trimestralmente, apesar de que, de junho de 2003 até novembro de 2011, foram publicados 10 boletins ao todo. Nos boletins há o repasse das atividades ocorridas durante o período que se passou entre um boletim e outro, assim como cartas de apoio, de repúdio, informes, divulgação de



outros eventos a acontecer, indicações de leituras e bandas, e também reflexões de temática de interesse anarcopunk, como combate à violência contra a mulher, antifascismo, movimentos anticárcere, contra o racismo, contra a homofobia etc. A publicação é feita em folha A4, impressa em offset e diagramada no computador. As edições variam entre oito e doze páginas, são em preto e branco e possuem fotos e ilustrações. Quanto ao conteúdo, é aberto a todos a contribuição para a edição do boletim, mas há uma comissão responsável pela publicação.

A internet é tema de debate frequente no MAP-SP e há opiniões diversas. O consenso é que a internet facilita a comunicação, é um meio mais rápido de fazer contato e barateia a produção de conteúdo. Sem contar o alcance que a internet tem, possibilitando intercâmbio maior entre pessoas de localidades diferentes. Ao mesmo tempo em que reconhecem os benefícios da rede, os/as anarcopunks vêem sua utilização com ressalvas. Pesa na reflexão a questão do controle policial na internet. Os anarcopunks têm claro que tudo o que é postado na rede é passível de controle por parte do Estado e de mecanismos de repressão, como a polícia. E essa preocupação com o controle de informação não é de agora; nas correspondências por carta há o cuidado em não endereçar ao Movimento Anarcopunk e sim utilizar um pseudônimo para evitar extravio de correspondência. Há também o questionamento pelo fato de pessoas se limitarem a agir apenas virtualmente, ou se bastarem com conteúdos superficiais sobre o punk em geral, sem ver necessidade de procurar a fonte.

O site [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org) surge por volta do ano 2000, por iniciativa da ORGAP (Organização Anarcopunk - grupo que existia na época). A intenção era divulgar as atividades anarcopunks em São Paulo. Em 2005, o grupo se desfaz, e nessa época Marina Knup se envolve com o portal, tentando mantê-lo atualizado.

O portal não é exclusivamente do MAP-SP, mas este utiliza o portal para a sua comunicação. O [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org) reúne blogs e sites de diversos coletivos, como: Coletivo Feminista Ação Anti-Sexistas (de Porto Alegre); MAP-SP; Imprensa Marginal (de São Paulo); ORGAP-LIMA (de Lima, Peru). O portal dá acesso a textos e vídeos com temática anarquista, assim como a links de rádios e outros coletivos e iniciativas libertárias. Há uma seção específica para notícias sobre o movimento anarcopunk em São Paulo, no Brasil e no mundo em geral, e uma outra seção específica de eventos anarcopunks divulgadas pelos coletivos que compõem o portal. Segundo Marina Knup, o valor da hospedagem e a atualização de conteúdos são de responsabilidade dos integrantes desses coletivos, mas não há uma regra fixa quanto a isso. Marina explica



que o blog do MAP, dentro do portal [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org), acaba funcionando como um boletim informativo virtual, onde são postados conteúdos mais específicos.

Constatamos que, para sua organização e comunicação, o MAP-SP realiza: 1. Reunião presencial quinzenal, onde são passados os informes e há organização de atividades. 2. Repasse de atividades e discussão por lista de email. 3. Divulgação de eventos, cartas de apoio e repúdio, documentos e artigos através do blog do MAP: [anarcopunk.org/mapsp](http://anarcopunk.org/mapsp). 4. Portal [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org). 5. Boletins impressos. 6. Fanzines. 7. Manifestações em datas específicas como em fevereiro (Jornada Antifascista), 7 de setembro, 15 de novembro etc.

Para este trabalho nos detivemos na análise de conteúdo do blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo, hospedado no portal [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org). A primeira postagem do blog data de 28 de janeiro de 2009, ano em que o portal foi reestruturado. O blog tem um visual limpo (sem uso excessivo de fios, marca e cor), fundo branco com as postagens em letra na cor preta. No topo há uma imagem com duas mãos em punho para o alto, simbolizando luta. As imagens utilizadas na composição contêm partes do antigo cabeçalho usado no boletim Iconoclasta e também de outras capas de fanzines anarcopunks. O blog se divide em quatro páginas além das postagens comuns. São elas a "Carta de Princípios do MAP", "Boletins", "Campanha Pró-Sede", e "Cartas Abertas e Manifestos". A Carta de Princípios, como o nome sugere, contém os princípios da associação, seus objetivos e ideais pelo qual luta.

O princípio da associação é aglutinar os indivíduos anarcopunks na construção de um movimento anarcopunk forte, onde o coletivo se sobressaia ao individualismo. A sua atuação se dá através da ação direta, sem ligação com partidos políticos, sindicatos ou outras organizações capitalistas. Acredita-se na solidariedade e apoio mútuo para a construção de uma nova sociedade, e a luta se dá ao lado dos excluídos do sistema.

Ao longo do segundo semestre de 2011, visitamos frequentemente tanto o portal [anarcopunk.org](http://anarcopunk.org) quanto o blog do MAP-SP, e entre os dias 06 e 13 de novembro, semana escolhida aleatoriamente, acompanhamos o blog todos os dias. Nessa semana não houve nenhuma postagem nova, a mais recente datava de 1º de novembro de 2011, em que foram postados os boletins impressos do MAP-SP em pdf para download.

Os temas das postagens giram em torno do antifascismo. Há um total de 39 postagens entre artigos, cartas abertas e divulgação de eventos, o que dá uma média de uma postagem por mês. Ao todo, 23 postagens são referentes a eventos organizados pelo MAP-SP ou relacionados às causas que defendem. Uma dessas postagens é um



artigo com foto, publicado em 30 de setembro de 2011, relatando o ato de 28 de setembro em frente ao Fórum de Mogi das Cruzes. O ato se refere ao julgamento de um skinhead que obrigou dois garotos a se jogarem de um trem em movimento. Já a postagem de 27 de setembro de 2011 é um vídeo do ato do dia 20 de setembro em que famílias protestaram contra os despejos e remoções que estão ocorrendo nas favelas e áreas onde serão construídas obras na cidade de São Paulo. As outras postagens são cartazes ou textos divulgando eventos.

Ainda relacionado a eventos, há duas notas e duas cartas em repúdio a manifestações ou agressões nazifascistas, como a carta assinada pelo Movimento Passe Livre de São Paulo, Coletivo Gestor do Espaço Autônomo “Ay Carmela!” e Bloco ANEL às Ruas!, publicada no blog em 10 de março de 2011. Esta carta se refere ao episódio de 26 de fevereiro da Jornada Antifascista. Por último, no dia 9 de abril de 2011 foi publicada uma nota de repúdio à manifestação em apoio ao deputado federal Jair Bolsonaro. O deputado lançou campanhas contra o kit anti-homofobia nas escolas alegando que este incentivava a homossexualidade. Sobre os artigos, há um de autoria do anarcopunk Aristeu sobre a atuação de grupos Sharp e Rash no Brasil. O texto foi retirado da edição nº 5 do zine Eutanásia, como uma pré-divulgação da nova edição.

As publicações do MAP-SP não têm autoria de indivíduos específicos. Quando há assinatura, é o Movimento Anarcopunk de São Paulo quem a faz, o que pode dar a entender, por um lado, que qualquer pessoa é o grupo. Dessa maneira, evitam serem identificados e perseguidos e fortalecem o grupo. Apesar da autoria enquanto grupo, um outro artigo aparece assinado no blog. A postagem é do dia 30 de agosto de 2011 e é assinada pela anarcopunk Kika. O texto é sobre os despejos de moradores por causa de enchentes em São Paulo. O artigo foi retirado da edição nº10 do boletim impresso do MAP. Um outro texto retirado do boletim reflete a história do movimento indígena na América e foi publicado em 30 de agosto de 2011.

As publicações do MAP-SP em seu blog procuram deixar claros os posicionamentos da associação e seus ideais de luta. Há postagens que remetem à história da associação e do movimento punk como um todo e que reforçam os princípios do MAP-SP, o que pode significar o reforço também da identidade da organização.

Uma postagem interessante é a carta resposta à mídia pelos acontecimentos do ano de 2007. Parece-nos que os meios de comunicação tradicionais impuseram uma visão dos/as punks construída a partir de suposições e generalizações que remetiam à violência. Os/as anarcopunks, em resposta, difundiram uma carta afirmando seus ideais



e princípios e repudiando a visão construída pela mídia. Como diz Cicilia Peruzzo, os movimentos sociais e populares percebem a necessidade de "apropriação pública de técnicas [...] e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos etc) para poderem se fortalecer e realizar os objetivos propostos" (PERUZZO, 2004: p.1).

Moraes (2002) reflete sobre a dessacralização da comunicação proporcionada pela internet. Usuários se tornam atores comunicantes, disponibilizam conteúdo sem hierarquias de juízo ou o peso histórico da imprensa e indústrias culturais. Embora nem sempre o que se publica na rede tenha visibilidade, há a construção da cidadania e novas perspectivas se abrem frente ao discurso veiculado pelas mídias tradicionais. Nessa linha, a linguagem dos textos publicados no blog é informal, com utilização de gírias e expressões anarcopunks. A internet como veículo de comunicação é apropriada pelo MAP-SP para a divulgação de seus conteúdos.

Dumont e Silva (2005) refletem, por sua vez, a utilização da internet como forma de pressão social, pois permite uma liberdade de expressão onde as pessoas podem emitir suas opiniões, reclamações e denúncias, criando uma discussão que pode render uma pressão maior pelo cumprimento de leis e deveres pelo Estado, e ações benéficas ao seu meio social. O MAP-SP utiliza a rede como pressão social contra atitudes nazifascistas, praticamente todas as postagens do blog são referentes a ações antifascistas promovidas ou apoiadas pela associação e há denúncias de práticas fascistas também.

A internet é vista com ressalvas pelo MAP. Acredita-se no seu potencial de comunicação, que pode alcançar um vasto público de maneira rápida e barata, mas há críticas à falta de democratização da internet: muitos não têm acesso à rede ou computadores ou, quando o tem, falta capacitação para um melhor aproveitamento de suas ferramentas e conteúdos. Também há a preocupação do controle policial e do Estado sobre os conteúdos publicados, explicando em parte a assinatura dos textos por parte do MAP-SP. Assim, percebe-se a utilização da internet como uma ferramenta complementar à comunicação da associação, mas não a principal nem a única.

Constatamos que, mesmo ciente da importância da comunicação, o MAP-SP não possui uma política de comunicação. Em três anos de blog há poucas publicações, uma média de uma postagem por mês. E uma boa parte delas são cartazes e propagandas de eventos, outros artigos e manifestos parecem ser retirados de publicações impressas, ou seja, nos parece que não há um conteúdo produzido exclusivamente para o blog. Também o boletim impresso, que (teoricamente) tem publicação trimestral, teve 10



edições em quase 10 anos. Podemos inferir então que, como na Central do Movimento Popular em Londrina, "as práticas comunicativas até existem, mas não chegam a conformar uma política de comunicação; são práticas esparsas, pouco articuladas e sequer chegam a desempenhar o seu papel informativo e formativo, quanto mais reconhecer-se como instrumento estratégico de disputa de hegemonia" (MIANI; LAIRÉ, 2010: p.308).

Ao nosso entender com essa pesquisa, os/as anarcopunks disputam espaço na sociedade, procuram se fazer visíveis às classes populares para transmitir seus ideais e contribuir para uma nova sociedade sem classes e anarquista. E nessa linha atuam conjuntamente a outros movimentos sociais participando de eventos, festas, seminários, congressos, ocupações urbanas, manifestações etc. A comunicação se apresenta como uma estratégia de visibilidade, mas ainda não bem aproveitada pelo MAP-SP. A tecnologia é também de certa forma subaproveitada pela associação. As novas tecnologias poderiam ser melhores empregadas, quebrando a resistência de integrantes do MAP-SP à utilização da internet, por exemplo, sem deixar de lado a visão crítica sobre essa ferramenta de comunicação. Por fim, percebemos que a comunicação interpessoal parece ser a principal para o grupo.

Assim, o MAP-SP considera a comunicação importante e trabalha com a comunicação alternativa e comunitária, embora não haja uma política de comunicação por parte da associação, o que torna subaproveitada a experiência comunicacional do movimento para suas práticas políticas e de construção da cidadania.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Yuriallis. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura**: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarcopunk. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais - UFPB. n9 - Setembro 2005 - p.284-433.

CAIAFA, Janice. **O movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2011.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SILVA, Marina Cajarba da. Comunicação, informação e cidadania: a inclusão digital como alternativa à desigualdade social no Brasil. In: INTERCOM, 2005. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1082-1.pdf> - 20/08/2011.



ESSINGER, Silvio. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENEGATI, Solléria Rezende. **A comunicação do Movimento Anarcopunk de São Paulo: análise do blog da associação**. Juiz de Fora: Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, monografia de conclusão de curso, 2011.

MIANI, Rozinaldo; LAIRÉ, Lorène Monique. A comunicação como estratégia de organização e atuação política: o caso da Central de Movimentos Populares (CMP) Regional Londrina. In: BARBALHO, A.; FUSER, B.; COGO, D. (orgs). **Comunicação para a cidadania: temas e aportes teórico-metodológicos**. São Paulo: INTERCOM, 2010, p.295-312.

MORAES, Dênis de. **Ciberespaço e Mutações Comunicacionais**. 2002. Disponível em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1596.html> - Acesso em: 20/08/2011.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. **O anarquismo no movimento punk**: Cidade de São Paulo, 1980-1990. 2007. Dissertação de Mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

PEDROSO, Elenrose da Silva; SOUZA, Heder Augusto de. **Absurdo da realidade: o movimento punk**. Cadernos IFCH Unicamp - n. 6, jun.1983.

PERUZZO, Cicilia. **Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania**. 2004.  
<http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/docentes/artigos/artigo-0019> - 20/08/11.

SOUSA, Rafael Lopes. **Punk: Cultura e Protesto**. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

VIZER, Eduardo. Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs). **Mídia e Movimentos Sociais: Linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007, p.23-52.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas** - Vol. 1 e 2. Porto Alegre: Ed. L&M Pocket , edição de 2007.

#### **Entrevistas:**

KNUP, Marina. Entrevista realizada no dia 23 de setembro de 2011 em São Paulo - SP  
RIBEIRO, Ivan. Depoimento concedido por email no dia 13 de outubro de 2011.

#### **Informativos:**

ICONOCLASTA, Dezembro 1994 - n1 - Boletim Bimestral do Coletivo de Resistência AnarcoPunk. São Paulo.

Informativo do MAP. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Junho 2003 Ano I. n1.

**Filme:** Botinada: a origem do punk no Brasil. São Paulo, 2006. Direção Gastão Moreira.

**Sites:** [www.anarcopunk.org/mapsp](http://www.anarcopunk.org/mapsp)  
<http://www.ccssp.org/ccs/>  
[http://tobeguarany.com/internet\\_no\\_brasil.php](http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php)